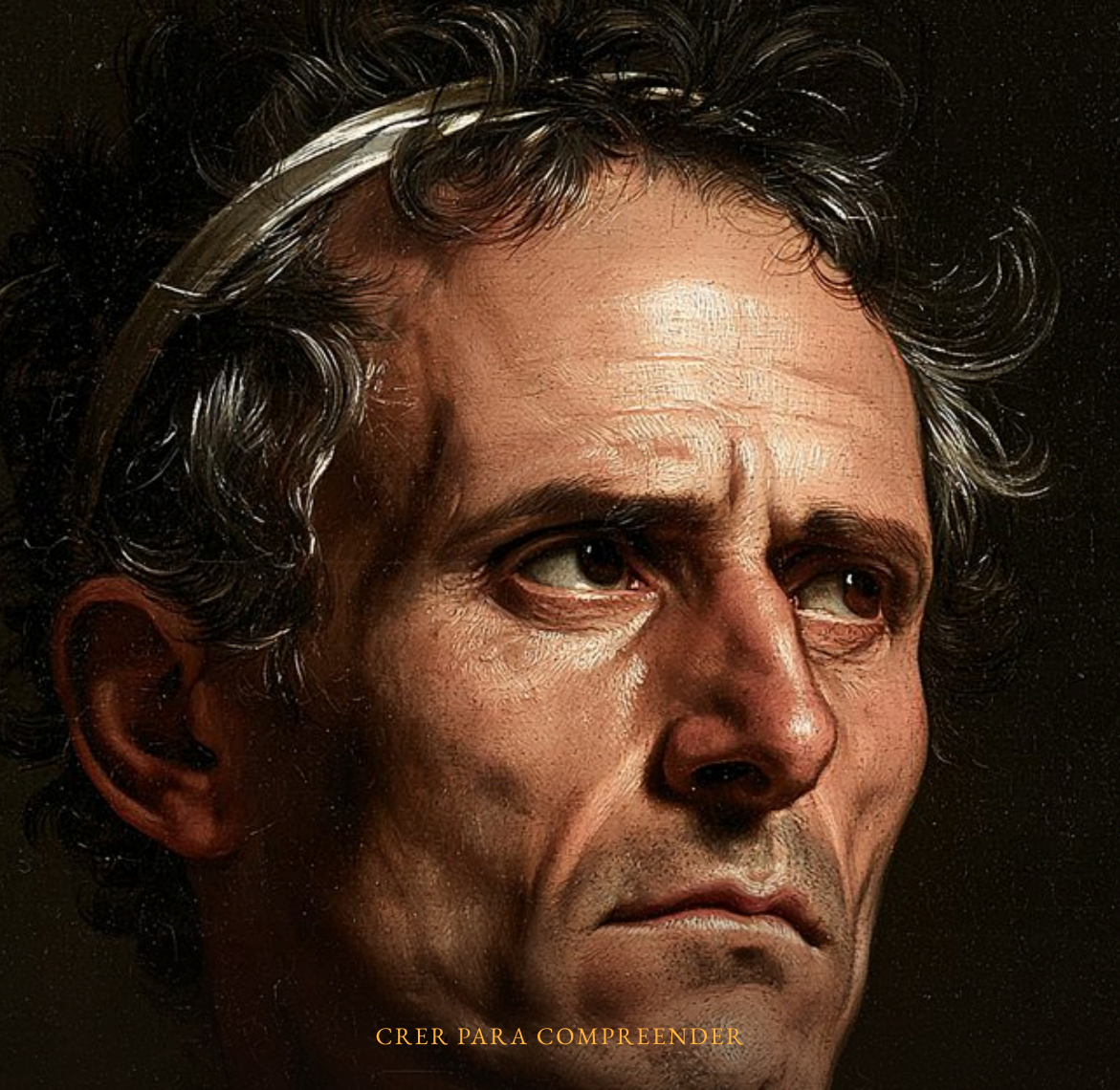


CRER PARA COMPREENDER

A abominação da desolação

O que foi edificado em cima do altar de Deus em 167 antes de Cristo, a palavra de nojo com que Daniel o chamou, o aviso de Jesus sobre o Templo do seu tempo e os modos diferentes com que judeus e cristãos o leram até hoje

D. G. DE SOUZA

HAC-S02-002

Antes de começar

Quem é quem

Antíoco IV	sem ficha; rosto pela moeda e pela cabeça de mármore
Jesus	: uns 33 anos. **Matatias**: só a fuga.
Josefo	, c. 56 anos em 93
Calígula	e **Tito:** sem ficha; 28 anos em 40, toga
Eusébio	, **Jerônimo**, **Crisóstomo**, **Agostinho**, **Lutero**, **Calvino**: pelas fichas.
Irineu, Hipólito, Rashi, Anano	sem ficha.

Neste fascículo

I	O altar em cima do altar
II	Quando virdes
III	Do Zeus de Calígula ao ano setenta
IV	Duas abominações
V	Não está aqui

Capítulo I

O altar em cima do altar

Em Jerusalém, num dia de dezembro do ano 167 antes de Cristo, um rei grego mandou edificar alguma coisa em cima do altar de Deus, no pátio do Templo. Dez dias depois, já se sacrificava ali, num altar posto sobre o outro altar. Um livro judeu, escrito umas duas gerações mais tarde, deu àquilo um nome que vinha do livro de Daniel: "abominação de desolação".

Uns dois séculos depois, sentado no monte das Oliveiras, diante do mesmo Templo, Jesus usou essas palavras para falar de um tempo que ainda viria. O fascículo sobre Gamaliel e Nicodemos terminou com Simão, filho de Gamaliel, dentro de Jerusalém, na guerra que acabou com aquele Templo no ano 70.[1] Este fascículo volta dois séculos, ao altar de 167, e depois segue a expressão até a boca de Jesus, e dela até os que a leram.

A pergunta deste fascículo

O que era, afinal, a "abominação da desolação" posta sobre o altar no tempo de Antíoco IV, e por que Jesus usou a mesma expressão para falar do futuro? A resposta passa por três livros que guardaram a frase, Daniel, 1 Macabeus e Mateus; pelos judeus e cristãos que leram o aviso de modos diferentes; e por um verbo que Mateus repete do anúncio da ruína do Templo até a manhã da ressurreição.

Edificado sobre o altar

A frase está no primeiro livro dos Macabeus, escrito em hebraico por volta de 100 a.C. e conservado em grego, que conta a revolta dos judeus contra o rei selêucida Antíoco IV e os seus sucessores. Depois de descrever o decreto que

mandava todo o reino ser "um só povo" e cada um abandonar os seus costumes (1:41-42), o autor chega ao Templo.

1 Macabeus 1:54

καὶ τῇ πεντεκαιδεκάτῃ ἡμέρᾳ Χασελευ τῷ πέμπτῳ καὶ τεσσαρακοστῷ καὶ ἑκατοστῷ ἔτει ᾠκοδόμησεν βδέλυγμα ἐρημώσεως ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον, καὶ ἐν πόλεσιν Ιουδα κύκλῳ ᾠκοδόμησαν βωμούς·

"E no dia quinze de Casleu, no ano cento e quarenta e cinco, edificou abominação de desolação sobre o altar; e nas cidades de Judá, ao redor, edificaram altares."

O ano 145 da era selêucida cai em 167 a.C.; o mês de Casleu corresponde, mais ou menos, ao nosso dezembro. O sujeito de "edificou" é o rei, que agia pela mão dos seus, e o verbo é o mesmo dos altares que se levantavam nas cidades de Judá: uma abominação que se "edifica" é uma construção. O autor usa ainda duas palavras gregas diferentes: para o altar do Senhor, *thysiastḗrion*; para o altar dos pagãos, *bōmós*.



E no dia vinte e cinco do mês, sacrificando sobre o altar pagão que estava sobre o altar.

1 MACABEUS 1:59

Entre o dia 15 e o dia 25 de Casleu passaram dez dias: primeiro a construção, depois o sacrifício. Por que o dia 25, o livro não diz; muitos o ligam ao aniversário do rei, festejado todo mês (2 Macabeus 6:7), mas é hipótese.[2]

Três anos depois, a notícia que chega ao rei, na Pérsia, usa as mesmas palavras ao contrário.

1 Macabeus 6:7

καὶ ὅτι καθεῖλον τὸ βδέλυγμα ὃ ᾠκοδόμησεν ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον τὸ ἐν Ιερουσαλημ.

"E que tinham derrubado a abominação que ele edificara sobre o altar que está em Jerusalém."

Não se derruba um nome, nem um sacrifício. Para o primeiro livro dos Macabeus, a abominação era uma coisa construída sobre o altar, e foi derrubada quando os judeus retomaram o Templo, em dezembro de 164. O fascículo *Jesus celebrou Hanukkah?* contou essa purificação.[3] O que sobra da pergunta é o que, exatamente, estava ali em cima.

Um nome de Zeus, hera e porcos

O primeiro livro dos Macabeus não dá nome de deus, não fala de estátua e não diz que se sacrificou porco no altar do Templo: os porcos estão no decreto, para as cidades (1:47). Quem dá o nome é outro livro, o segundo dos Macabeus, resumo grego da obra de um certo Jasão de Cirene, escrito entre os séculos II e I antes de Cristo.



"Não muito tempo depois, o rei enviou um ancião ateniense para obrigar os judeus a abandonar as leis dos pais e a não viver segundo as leis de Deus, e também para contaminar o santuário de Jerusalém e dar-lhe o nome de santuário de Zeus Olímpio."

2 Macabeus 6:1-2

"Dar-lhe o nome", *prosonomásai*, é rebatizar. 2 Macabeus fala de um nome dado ao Templo, e não de uma imagem posta nele, e é a única fonte judaica antiga que nomeia o deus de Jerusalém. O rei era devoto público de Zeus Olímpio, e as suas moedas mostram Zeus sentado no trono, com a legenda "do rei Antíoco, deus manifesto".



Reverso de um tetradracma de prata de Antíoco IV: Zeus sentado no trono, de perfil, com o cetro alto numa mão e, na outra estendida, uma pequena Vitória alada que lhe oferece uma coroa; em colunas verticais, a legenda grega ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΝΤΙΟΧΟΥ ΘΕΟΥ ΕΠΙΦΑΝΟΥ[Σ], "do rei Antíoco, deus manifesto". É o deus olímpico cujo nome foi dado ao Templo (2 Macabeus 6:2). Tetradracma de Antíoco IV Epífanes, Antioquia, c. 173-164 a.C., reverso, Bibliothèque nationale de France (domínio público).

Tetradracma de Antíoco IV Epífanes, Antioquia, c. 173-164 a.C., reverso com Zeus e a legenda 'Theou Epiphanous', Bibliothèque nationale de France (domínio público)

O mesmo capítulo de 2 Macabeus completa o quadro. O Templo "se enchia de devassidão e orgias dos gentios", e "o altar estava cheio de coisas ilícitas", sem

dizer quais (6:4-5). E traz a cena mais estranha de todas.



Eram levados, com amarga necessidade, ao banquete das entranhas, no aniversário do rei, todo mês; e, chegando a festa de Dionísio, eram obrigados a desfilar em procissão para Dionísio levando hera.

2 MACABEUS 6:7

Judeus de Jerusalém, com ramos de hera, em procissão para o deus do vinho. Quem acrescenta os porcos sobre o altar do Templo é Flávio Josefo, sacerdote judeu que escreveu em Roma no fim do século I.



"E, tendo edificado também um altar pagão sobre o altar, o rei degolou porcos sobre ele, cumprindo esse sacrifício, que não era lícito nem pátrio para a religião dos judeus."

Josefo, *Antiguidades Judaicas* 12.253

Josefo concorda com 1 Macabeus no altar sobre o altar, mas não usa a palavra "abominação", não dá nome de deus a Jerusalém e não fala de estátua. Um historiador grego do século I antes de Cristo, numa página hostil aos judeus, fala de uma porca sacrificada e da lâmpada do santuário apagada, e mistura a isso calúnias antigas. Nenhuma fonte antiga diz as três coisas juntas: o objeto, o deus e a expressão.[4]

O Senhor dos Céus

Desde 1884, muitos estudiosos ouvem na expressão de Daniel um trocadilho. Naquele ano, o alemão Eberhard Nestle sugeriu que *shiqquts shomem*, "abominação desoladora", fosse uma deformação proposital de *Ba'al Shamem*, "Senhor dos Céus", o nome de um deus sírio.

Baal Shamem

"Senhor dos Céus", em fenício e aramaico. A hipótese do trocadilho troca ba'al, "senhor", por shiqquts, "coisa nojenta", e shamem, "céus", por shomem, "que desola". Deformar o nome de Baal era costume bíblico: Isbaal (1 Crônicas 8:33) vira Isboset, "homem da vergonha" (2 Samuel 2:8).

O deus existia com esse nome, e um autor antigo diz que ele era o Zeus dos gregos. Fílon de Biblos, escritor fenício dos séculos I e II depois de Cristo, citado por Eusébio de Cesareia, explica.



"Pois a este (diz ele) tinham como único deus, senhor do céu, chamando-o Beelsamen, que entre os fenícios é "senhor do céu", e entre os gregos, Zeus."

Fílon de Biblos, em Eusébio, *Preparação evangélica* 1.10.7

A hipótese foi aceita por muitos e criticada por outros, e não se sabe se os sírios da guarnição simplesmente chamavam assim o Zeus Olímpio do decreto. Não há inscrição, moeda nem texto do próprio Antíoco que diga a que deus o altar foi dedicado. O resumo honesto cabe numa linha: para o rei e os gregos, Zeus Olímpio; para os sírios da guarnição, talvez o Senhor dos Céus; para Daniel, uma "abominação".[5]

A estátua que veio depois

Quase todo filme e quase toda ilustração de Bíblia põem uma estátua de Zeus no Templo. A fonte dessa estátua não é judaica nem do século II antes de Cristo. É Porfírio, filósofo pagão do século III depois de Cristo, que escreveu quinze livros contra os cristãos e, no décimo segundo, atacou Daniel. A obra se perdeu, e o que sabemos dela vem de quem a refutou: Jerônimo, no *Comentário a Daniel*, escrito em Belém em 407. Ao comentar 11:31, Jerônimo resume a opinião de Porfírio.



> *"Dois anos depois de ter saqueado o Templo, [os enviados de Antíoco foram] pôr no Templo de Jerusalém uma imagem de Júpiter Olímpio, e também estátuas do próprio Antíoco. [...] Estas são descritas como a abominação da desolação."*
>
> Jerônimo, *Comentário a Daniel*, sobre 11:31

Nenhuma fonte judaica antiga fala de estátua em Jerusalém. A estátua parece ter nascido do nome dado ao Templo em 2 Macabeus 6:2: se o santuário passou a ser "de Zeus Olímpio", alguém imaginou ali a imagem do deus. A ideia fez carreira: Calvino, em 1561, escreveu que a profanação aconteceu "quando a estátua de Júpiter Olímpio foi erguida ali", e o comentarista inglês Matthew Henry repetiu a imagem no século XVIII.

Outros estudiosos pensam em pedras sagradas, das que os cultos sírios punham sobre os altares, ou no próprio sacrifício pagão. A única resposta com fonte dos séculos II e I antes de Cristo é a de um altar pagão posto sobre o altar do Senhor.[6]



Água-forte panorâmica: ao fundo, o Templo imaginado como palácio barroco, entre colunas de fumaça; soldados levam o candelabro de sete braços e os vasos sagrados; num pedestal, um ídolo sendo erguido, a estátua que nenhuma fonte judaica antiga menciona. Em primeiro plano, os martírios de 2 Macabeus 6 e 7. Jan Luyken, Jerusalém tomada por Antíoco IV Epífanes, 1690, Rijksmuseum, Amsterdã (CC0).

Jan Luyken, Jerusalém tomada por Antíoco IV Epífanes, 1690, Rijksmuseum, Amsterdã (CC0)

Uma palavra de nojo

Antes de 1 Macabeus, a expressão já estava em Daniel, e lá não descreve um objeto: dá um xingamento. Ela aparece quatro vezes, nunca igual, nos capítulos 8 a 12, escritos em hebraico.

Daniel 11:31

וּזְרֹעִים מִמֶּנּוּ יַעֲמֹדוּ וְחִלְּלוּ הַמִּקְדָּשׁ הַמָּעוֹז וְהֵסִירוּ הַתָּמִיד וְנָתְנוּ הַשִּׁקּוּץ מְשֹׁמֵם׃

"E braços da parte dele se levantarão, e profanarão o santuário, a fortaleza, e tirarão o contínuo, e porão a abominação desoladora."

"O contínuo", *ha-tamid*, é o sacrifício da manhã e da tarde, que a Lei mandava oferecer todos os dias (Êxodo 29:38-42). E a palavra "abominação", *shiqquts*, tem uso preciso na Bíblia hebraica: é o nome de desprezo para um deus estrangeiro ou para a sua imagem. "Milcom, a abominação dos amonitas"; "Quemós, a abominação de Moabe" (1 Reis 11:5, 7). Na Bíblia, "abominação" é a palavra de nojo para um ídolo.

Shiqquts shomem

"Abominação desoladora". Shiqquts é "coisa nojenta", a palavra bíblica para o ídolo. Shomem vem do verbo shamem, "estar desolado", que também quer dizer "ficar pasmo": a abominação que devasta e que horroriza.

As quatro formas são diferentes. Em 8:13, o hebraico diz "a transgressão que desola"; em 9:27, "abominações", no plural, sobre uma "asa" cujo sentido ninguém conhece ao certo; em 11:31 e 12:11, "abominação desoladora", agora com um prazo.



E desde o tempo em que for tirado o contínuo, e para pôr a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Feliz quem espera e chega a mil trezentos e trinta e cinco dias.

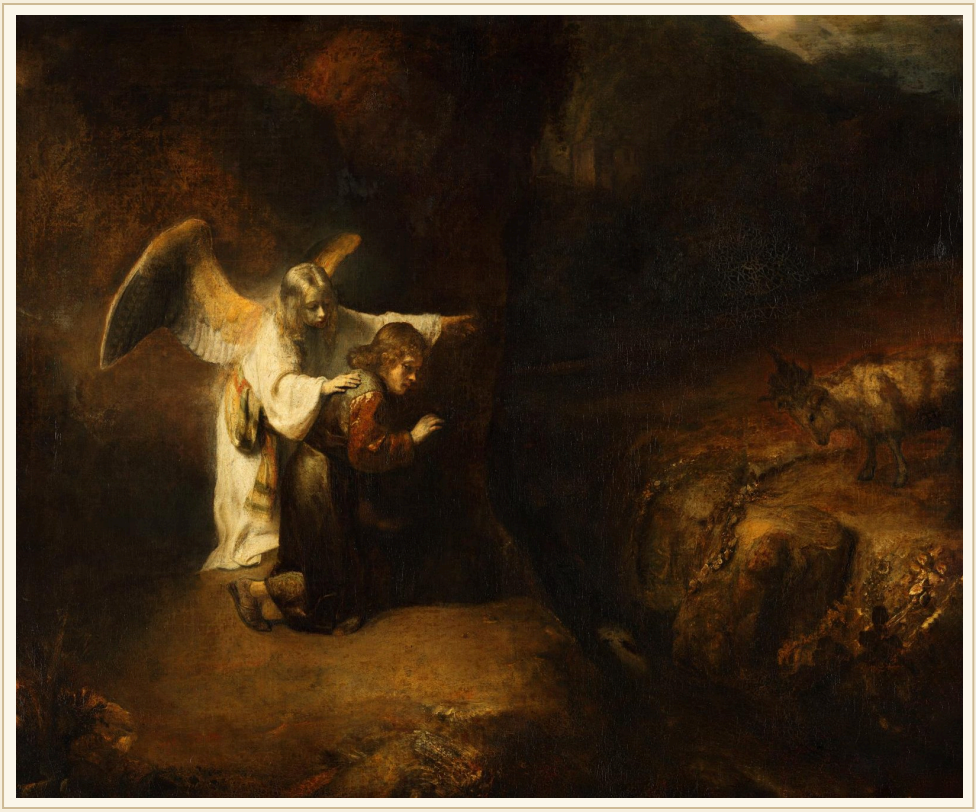
DANIEL 12:11-12

Daniel diz que a abominação é "posta"; 1 Macabeus dirá que foi "edificada". O profeta dá o nome de nojo; o historiador dá a data e o lugar.

Em números

1.290 dias *O prazo de Daniel 12:11, maior que os três anos de 1 Macabeus. Josefo, resumindo Daniel 8, fala de 1.296 dias, número que não está em nenhuma forma conhecida do livro (Antiguidades 10.271)*

Daniel dá ainda 2.300 "tardes-manhãs" (8:14) e 1.335 dias (12:12), e as outras fontes também divergem: 1 Macabeus conta três anos exatos (4:54), 2 Macabeus "dois anos" (10:3), a *Guerra Judaica* de Josefo três anos e meio (1.32). Porfírio dizia que os 1.290 dias se cumpriram com Antíoco; Jerônimo respondia que "Josefo e o livro dos Macabeus dizem que durou só três anos" e aplicava os números ao fim dos tempos.[7]



Em tons escuros e dourados, um anjo de túnica branca e grandes asas abertas põe a mão no ombro de Daniel, jovem ajoelhado de túnica vermelha, e aponta com o outro braço para um barranco iluminado onde está um carneiro de chifres: a visão do carneiro e do bode de Daniel 8, a do "chifre pequeno" que a tradição leu como Antíoco. Rembrandt e oficina (atribuído a Willem Drost), A visão de Daniel, c. 1650, Gemäldegalerie, Berlim (domínio público).

Rembrandt e oficina (atribuído a Willem Drost), A visão de Daniel, c. 1650, Gemäldegalerie, Berlim (domínio público)

Quando Daniel escreveu

Aqui as leituras se dividem, e este fascículo não decide entre elas. A leitura tradicional, de Josefo, de Jerônimo e dos reformadores, põe o livro no século VI antes de Cristo, como ele se apresenta. A leitura crítica começa com Porfírio, para quem Daniel "não predisse o futuro, mas narrou o passado"; hoje a maioria

dos estudiosos críticos data a forma final dos capítulos 7 a 12 entre 167 e 164 a.C., porque o capítulo 11 descreve com precisão crescente os reis gregos até a profanação.

Para a pergunta deste fascículo, as duas posições concordam num ponto: no século I, Daniel era lido como profecia que ia além de Antíoco. Um texto de Qumran, anterior a Jesus, já cita "o livro de Daniel, o profeta", e Josefo, como se verá, lia em Daniel também os romanos.[8]

Por que o rei fez isso

O retrato de Antíoco IV, os decretos em detalhe e a sua morte ficam para o capítulo deste livro dedicado a ele. Aqui basta o que ajuda a entender o altar. No verão de 168, perto de Alexandria, um embaixador romano, Popílio, riscou com um bastão de videira um círculo no chão em volta do rei e mandou que respondesse antes de sair dali; Antíoco largou o Egito e voltou "pesado e gemendo", conta o historiador grego Políbio. Na volta, segundo 2 Macabeus, achou Jerusalém em luta entre o sumo sacerdote Menelau e o seu antecessor, Jasão, "concluiu que a Judeia se revoltava" e tomou a cidade à força (5:5-11), guiado no saque do santuário pelo próprio Menelau (5:15).

Os historiadores não concordam sobre o porquê do decreto. Uns veem um rei helenizador; outros, um rei humilhado por Roma punindo uma cidade que julgava rebelde; outros, na linha de Elias Bickerman, um partido judeu helenizante que usou o rei para mudar a religião do próprio povo. As três coisas podem ter pesado juntas.[9] Para o altar, o resultado é o mesmo: em dezembro de 167, o sacrifício da manhã e da tarde parou, e outra coisa foi edificada no lugar.

---

1. Fascículo *Dois fariseus que pediram para ouvir: Gamaliel e Nicodemos* (HAC-S01-008); Josefo, *Vida* 189-196, e *Guerra judaica* 4.159-160.

2. 1 Macabeus 1:41-64, no grego de Rahlfs. A data de 15 de Casleu do ano 145 selêucida cai em dezembro de 167 a.C.; o cálculo está no fascículo *Jesus celebrou Hanukkah?* (HAC-S02-005). J.

Goldstein, *I Maccabees* (1976), propõe 6 de dezembro (conhecido por resumo). Sobre *thysiastḗrion* e *bōmós*, ver também o fascículo *Lutar pela fé?* (HAC-S02-003).

3. 1 Macabeus 4:36-59 e 6:5-8. Fascículo *Jesus celebrou Hanukkah? A festa de João 10 e o azeite* (HAC-S02-005). A reação do rei, que caiu doente "de tristeza" (6:8), e a sua morte ficam para o capítulo sobre Antíoco (HAC-S02-001).

4. 2 Macabeus 5:24-27 e 6:1-11, no grego de Rahlfs; "um ancião ateniense" também pode ser lido "Geronte, o ateniense". Josefo, *Antiguidades* 12.246-256, e *Guerra* 1.31-35, no grego de Niese; Josefo põe o próprio rei em Jerusalém no dia 25 de Casleu (*Antiguidades* 12.248), enquanto 1 Macabeus (1:29) fala de um "chefe dos tributos", que 2 Macabeus (5:24) chama Apolônio. Diodoro da Sicília 34/35.1.1-5, pelo resumo de Fócio (códice 244), lido numa reprodução de estudo com a tradução de P. Harland (2022); a atribuição do trecho a Posidônio é debatida. Tácito, *Histórias* 5.4-5.

5. E. Nestle, "Zu Daniel", *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 4 (1884), pp. 247-248, referência conferida por R. G. Kratz (TheTorah.com, 2024), sem leitura do artigo. Aceitaram a hipótese, entre outros, E. Bickerman (1937) e H. L. Ginsberg (*Encyclopaedia Judaica*, 1971); criticam O. Keel (2000) e J. Lust (2001), estes conhecidos por resumo. A inscrição de Yehimilk, rei de Biblos (séc. X a.C.), já invoca Baal Shamem. Eusébio, *Preparação evangélica* 1.10.7, no grego da First1KGreek.

6. Jerônimo, *Comentário a Daniel*, sobre 8:9-14 e 11:31, na tradução inglesa de G. L. Archer (1958); o latim não foi conferido. Calvino, *Preleções sobre Daniel* (1561), sobre 11:31; Matthew Henry, *Comentário*, sobre Mateus 24:15, ambos pela CCEL. A proposta das pedras sagradas é de N. Porteous (1965) e J. Goldstein (1976); a do sacrifício como abominação, de J. Lust (2001) e R. G. Kratz (2024); J. J. Collins (1993) acha especulativa a primeira; todas conhecidas por resumos.

7. Daniel 8:11-14, 9:25-27, 11:30-31 e 12:10-12, no hebraico da Sefaria e nas duas formas gregas da edição de Rahlfs; 1 Reis 11:5-7; 2 Reis 23:13. Josefo, *Antiguidades* 10.271 e 12.319-322; *Guerra* 1.32. 2 Macabeus 10:3-5. Jerônimo, *Comentário a Daniel*, sobre 8:14 e 12:11.

8. Jerônimo, *Comentário a Daniel*, prólogo; J. J. Collins, *Daniel* (Hermeneia, 1993), conhecido por resumo. Os manuscritos de Daniel em Qumran (1Q71-72, 4Q112-116, 6Q7) e a citação de 4Q174, col. II, linhas 3-4, vêm de Collins e de Goldingay, sem consulta à edição.

9. Políbio 29.27.1-8; Lívio 45.12.3-6, que põe o encontro em Elêusis, a quatro milhas de Alexandria. Daniel 11:30 diz que "navios de Quitim" virão contra o rei e que ele "desanimará, e voltará"; a Septuaginta antiga traduz "Quitim" por "romanos"; 2 Macabeus 5:5-16 e 13:3-8; Josefo, *Antiguidades* 12.384-385. E. Bickerman, *Der Gott der Makkabäer* (1937); V. Tcherikover, *Hellenistic Civilization and the Jews* (1959); M. Hengel, *Judaism and Hellenism* (1969); posições conhecidas por resumos.

Capítulo II

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S02-002

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *A abominação da desolação*. O fascículo inteiro tem 55 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender